



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CAMPUS I – CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE**  
**CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**RAYZZA TAVARES GOMES**

**A função do olhar e do ser visto nas redes sociais: interlocuções com a psicanálise**

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2016**

**RAYZZA TAVARES GOMES**

**A função do olhar e do ser visto nas redes sociais: interlocuções com a psicanálise**

Trabalho de Conclusão de Curso, em formato de artigo, apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Bacharel e Licenciado em Psicologia

Orientadora: Profa.: Dr.<sup>a</sup> Jailma Belarmino Souto

CAMPINA GRANDE – PB

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

G633f Gomes, Rayzza Tavares.

A função do olhar e do ser visto nas redes sociais [manuscrito]  
: Interlocuções com a Psicanálise / Rayzza Tavares Gomes. - 2016.  
27 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e  
da Saúde, 2016.

"Orientação: Profa. Dra. Jailma Belamino Souto,  
Departamento de Psicologia".

1. Psicanálise. 2. Redes sociais. 3. Interação social. I.  
Título.

21. ed. CDD 150.195

RAYZZA TAVARES GOMES

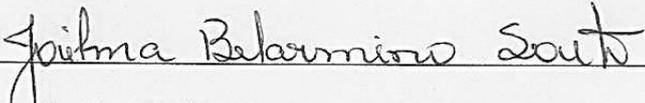
**A função do olhar e do ser visto nas redes sociais: interlocuções com a psicanálise**

Trabalho de Conclusão de Curso, em formato de artigo, apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel e Licenciado em Psicologia

Orientadora: Profa.: Dr.<sup>a</sup> Jailma Belarmino Souto

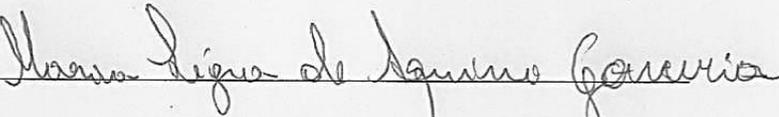
Aprovada em: 16/11/2016.

BANCA EXAMINADORA



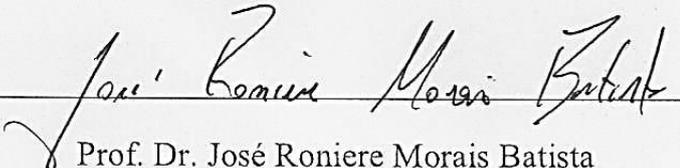
Profa. Dr.<sup>a</sup> Jailma Belarmino Souto (Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dr.<sup>a</sup> Maria Lígia de Aquino Gouveia

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. José Roniere Morais Batista

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico esse trabalho aos meus pais,  
irmãos e ao meu noivo que estiveram ao meu  
lado me auxiliando e apoiando...

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelas graças obtidas e pela benevolência em sempre me abençoar e me guiar. Agradeço aos meus pais, Maria Aparecida e Pedro Fialho e irmãos Patrick Tavares e Polansk Tavares pelo apoio, ao meu noivo Weiller Felipe, pelo incentivo e companheirismo. As minhas amigas Lílian Michelly, Patrícia Kácia, Tamires Oliveira e Amanda Santos, pela amizade. À minha orientadora Jailma Souto pela paciência e prestatividade, aos professores Roniere Batista e Maria Lígia por aceitaram participarem da minha banca. Á todos que indiretamente contribuíram e fizeram parte da caminhada do meu curso.

*“Pelo motivo real de que o homem só comemora e  
ama o que lhe é aprazível ou vantajoso, e pelo  
motivo racional de que nenhuma pessoa canoniza  
uma ação que virtualmente a destrói”*

(Quincas Borba)

## **A função do olhar e do ser visto nas redes sociais: interlocuções com a psicanálise**

GOMES, Rayzza Tavares<sup>1</sup>

### **RESUMO**

O presente estudo é uma revisão bibliográfica, com objetivos de analisar com o aporte da teoria psicanalítica, a função do olhar e ser olhado nas redes sociais. Visto que o ambiente virtual é cada vez mais presente na vida do homem Pós-moderno. Visa ainda identificar as novas formas de subjetivação e a maneira de reinterpretação da sociedade diante das novas tecnologias e formas de interação social; relacionando às perspectivas de formação de laços sociais, na cultura do narcisismo, sociedade do espetáculo, destinos do desejo, e o Mal-estar no campo da subjetividade, com relação ao vínculo estabelecido virtualmente dos sujeitos nas redes sociais.

**PALAVRAS-CHAVES:** Olhar e ser olhado. Redes Sociais. Psicanálise. Contemporaneidade.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba. Email: rayzza\_mel@hotmail.com

## **ABSTRACT**

The present work is a literature review, with aims to analyze the contribution of psychoanalytic theory, the function look and be seen on social networks, since the virtual environment is increasingly present in the life of the post man modern. As well as identify new forms of subjectivity as a way to reinterpretation the society in the face of new technologies and forms of social interaction, relating to the prospect so formation of social ties, culture of narcissism, spectacle society, desire destinations, and evil be in the field of subjectivity with respect to the bond established virtually the subjects in social networks.

**KEYWORDS:** To Look and be seen. Social Networks. Psychoanalysis. Contemporaneity.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA .....</b>	<b>11</b>
<b>3 SUJEITO DAS REDES SOCIAIS .....</b>	<b>15</b>
<b>4 O OLHAR E O SER VISTO .....</b>	<b>18</b>
<b>5 AS REDES SOCIAIS .....</b>	<b>20</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>23</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>25</b>

## 1 INTRODUÇÃO

No atual contexto social e tecnológico da sociedade vigente é muito comum encontrar pessoas em ambientes públicos ou privados conectados à internet, especialmente às redes sociais. O uso das redes sociais se tornou algo fortemente presente e discutido na vida das pessoas, na qual o que impera é a lei do “ser visto”. Justificando assim, o interesse de investigar a influência que a internet, especialmente as redes sociais operam na vida das pessoas, assim como as implicações sob as formas de subjetivação e relações estabelecidas atualmente.

O presente artigo tem por objetivo analisar as implicações entre o olhar e ser olhado nas redes sociais, com parâmetros relacionados a constituição do sujeito e o cotidiano na sociedade contemporânea. A hipótese e justificativa da escolha do tema aqui trabalhado é de que há um interesse massivo das pessoas no tocante à participação no campo virtual das redes sociais, enfatizando assim, o interesse no sentido de analisar as implicações do olhar e ser visto nas redes sociais, no cotidiano como lugar possível da experiência virtualizada na atualidade.

Vislumbrar a ênfase da necessidade atual de implicação nas redes sociais, aponta para a fragilidade das novas formas de comunicação e interação social, associadas aos processos de utilização das redes sociais, e a necessidade de buscar novas teorias que levem em conta a retomada de uma relação favorável do sujeito com o mundo.

O interesse sobre o assunto surgiu em decorrência de uma inquietação pessoal, diante da observação da superexposição das pessoas nas redes sociais. Mostrando ser uma necessidade quase que intrínseca às necessidades básicas do ser, como comer, dormir e isso se mostra nitidamente no investimento e tempo que é destinado às redes sociais. Sejam em publicação de fotos, vídeos, comentários ou apenas observar o que os outros estão compartilhando.

O presente estudo é resultado de uma revisão bibliográfica, realizada na literatura correspondente à função do olhar e ser visto nas redes sociais, com o aporte na Psicanálise e no sujeito da pós modernidade, enquanto relação com as novas tecnologias e formas de interação social. Interligando às perspectivas de formação de laços sociais do sujeito contemporâneo, a cultura do narcisismo, a sociedade do espetáculo, os destinos do desejo, e o mal-estar no campo da subjetividade, com relação ao vínculo estabelecido virtualmente dos sujeitos nas redes sociais.

Para a construção teórica utilizou-se como base a leitura de alguns autores, quais

sejam: Quinet (2004); Freud (1914-1916), (1920), (1927), (1930), (1980); Otero (2012, 2013); Forbes (2010, 2013); Roza (1988); Bauman (2001); Lipovetsky (2004); Seligman (2014); Debord (2003); Birman (1997, 2007), entre outros. Diante disso, houve o interesse de averiguar os processos que se manifestam na atualidade, frente a repercussão que as mídias virtuais têm sobre as pessoas, na exagerada exposição dos sujeitos às redes. Numa sociedade baseada mais no *ter* do que em *ser*, ou no mostrar *ter/ser*, assim como o afrouxamento das relações pessoais, apontando a fragilidade do eu, na qual as redes sociais tomam lugar de constituir e marcar o sujeito, alienado numa cultura reforçadora do narcisismo e da visibilidade social.

Sendo assim, Quinet (2004), no livro - *Um olhar a mais: ver e ser visto na psicanálise*, diz que além de seres visuais, somos seres *vistos*, atuando no palco do mundo com máscaras e sintomas sob o *olhar* do outro, o autor descreve os conceitos fundamentais sob a perspectiva do olhar, vigentes na sociedade contemporânea, relacionando a teoria psicanalítica (QUINET, 2004).

Freud, em *Narcisismo* (1914/1996) e em *Os Instintos e Suas Vicissitudes* (1915/1996), elucida que o investimento libidinal aos objetos de amor são escolhidos de acordo com a própria imagem pela via do narcisismo e na instância da libido investida no próprio ego, assim como, “A identificação com o objeto idealizado contribuiria para a formação tanto do ego ideal quanto do ideal do ego” (FERNANDES, 2002, p.13 e 23). Na qual esse ideal de ego é projetado pelo sujeito como seu ideal, um substituto a se espelhar.

É notório observar que não mais é preciso haver uma catástrofe ou um grande acontecimento repercutido mundialmente, mas o simples e ao mesmo tempo complexo fato de viver em sociedade, de viver e conviver cotidianamente uns com os outros e assim já caracterizar Mal-estar na e da sociedade. A busca por felicidade segundo a perspectiva Freudiana, fala que “[...] Pode-se tentar recriar o mundo, em seu lugar construir um outro mundo, no qual os seus aspectos mais insuportáveis sejam eliminados e substituídos por outros mais adequados a nossos próprios desejos” (FREUD, 1930/1996, p.38). Evidencia-se na atualidade a fragilidade dos laços sociais e a busca de satisfação substitutivas, sejam elas encontradas nas redes sociais.

Segundo Zygmunt Bauman, “A sociedade atual vem dando prioridade aos relacionamentos virtuais, os quais podem ser tecidos e desmanchados com igual facilidade – e frequentemente sem que isso envolva nenhum contato além do virtual”. A esse avanço da tecnologia, se mostra a ambiguidade dos sentimentos que servem de ferramentas para recriação de laços sociais e da identidade do sujeito (OTERO, 2013, p. 29).

A condição da subjetividade na atualidade e sua respectiva fragmentação, abre margens para o desenvolvimento de sintomas na atualidade, Birman (2007), fala sobre “a condição da subjetividade construída nos primórdios da modernidade, tinha seus eixos constitutivos nas noções de interioridade e reflexão sobre si mesma”, mas agora essa leitura da subjetividade voltada para o autocentramento está paradoxalmente com o valor de exterioridade. Sendo assim, o autor aponta que a subjetividade assume uma configuração estetizante, em que o olhar do Outro no campo social e mediático passa a ocupar uma posição estratégica em sua economia psíquica (BIRMAN, 2007, p.23).

Sendo assim, tanto Birman (2007) e Debord (2003), falam sobre a cultura do narcisismo e a sociedade do espetáculo respectivamente, na qual “os destinos dos desejos assumem uma direção marcadamente exibicionista e autocentrada, na qual o horizonte intersubjetivo se encontra esvaziado e desinvestido das trocas inter-humanas” (BIRMAN, 2007. p.24), já sobre “o espetáculo não significa outra coisa senão o sentido da prática total da formação econômico-social, o seu emprego de tempo. É o momento histórico que nos contém” (DEBORD, 2003, p.11). Momento do apogeu das imitações, de sujeitos que tentam renegar a falta, numa suposta sutura do falta-a-ser, que tentam preencher as latuzas do Mal-estar contemporâneo (LACAN, [1958-1959]).

O espetáculo não quer outra coisa, senão a si mesmo, é a principal produção da sociedade atual, sobre a vida social, assim também da degradação do *ser* e do *ter*, generalizando desse modo para o *ter* e o *aparecer*. Numa mediação do espetáculo para tendência de *se fazer ver* (BIRMAN, 2007; DEBORD, 2003).

É com base em tais perspectivas que será guiado o presente estudo, relacionando aspectos como, os laços sociais, a cultura do narcisismo, sociedade do espetáculo, destinos dos desejos, estabelecidos na sociedade vigente. Como meio de interligação de conteúdos que fomentem os objetivos propostos e lancem questionamentos acerca dos movimentos atuais da sociedade, do sujeito contemporâneo conectado às redes sociais.

## **2 SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

O avanço da sociedade desde as evoluções científicas, do advento tecnológico e da sofisticação dos meios de comunicação, como a implementação da internet, trouxe acesso à dispositivos móveis, e às redes sociais (virtuais). Assim como o domínio do homem sobre a natureza e suas produções, possibilitou utilizá-la de acordo com seus desejos, até mesmo a

transformação dos núcleos familiares e as novas formas de subjetivações, que seguem as transformações da sociedade.

É notável também aspectos como o distanciamento relacional das pessoas, frente ao surgimento e a implementação das redes sociais, assim como, a exacerbada valorização da exibição e autoimagem para o outro. Reconfigura-se a referência de comércio, do ser humano como mercadoria das redes sociais, expostos a quem tenha interesse. Pode-se pensar que tipo de evolução é essa que traz distanciamento e modifica o estatuto do sujeito. Sendo permeada pela cultura, as transformações vivenciadas na sociedade acarretam mudanças no sujeito, e seus modos de viver e pensar, ocasionando o Mal-estar dos laços sociais.

Freud (1930/1996), em *Mal-estar na civilização*, sustenta a existência de um descompasso entre o homem e o mundo, que acarreta estar mal na civilização. Forbes (2010) reitera que “A relação entre o homem e o mundo sendo incompleta, desarmônica, a maior parte das vezes é mediada – há algo que se interpõe entre eles”, na qual ele aponta como exemplo a lei e a civilização, estando o sujeito em busca da plena satisfação que não é alcançada, mas buscada em variadas vias, assim como nas redes sociais (FORBES, 2010, p.55 e 56).

De acordo com Birman (2007) “A sensibilidade excessiva dos indivíduos em relação à autoimagem é transbordante, de forma que a depressão passa a dominar a cena contemporânea, assumindo o lugar privilegiado que era ocupado anteriormente pela angústia” (BIRMAN, 2007, p.49). Verdade é que em relação a esse fator ‘civilização’ de acordo com o discurso Freudiano é marcado pelo “mal-estar”. Não obstante, a insatisfação como intrínseca a vida e a existência humana, não sendo caracterizada por uma liberdade e prazer pleno.

Enquanto o homem vive em sociedade lhe é barrado a pulsão avassaladora a fim de ser possível a vivência em comunidade, em que a felicidade é paliativa, e os recursos agregados para ser ‘um homem completo’ são insuficientes, e nesse sentido a idealização do ser é sustentada através das redes sociais. Diante disso, podemos observar o quanto o homem ainda se encontra limitado aos artifícios de contato com o Outro.

Embora o homem já possua alto nível de aquisição de poder sobre o meio e a natureza, modelando esses recursos a seu favor, cria-se artifícios de utilidades para que se possa obter maiores prazeres. Prazer esse que em nosso imaginário seja equivalente ao vivenciado em seus primórdios, ao prazer de estar no útero materno, condição essa difícil de ser conseguida na civilização. Esta é erguida pelo abandono das pulsões desregradadas do ID, o que leva quase que automaticamente a não satisfação. Sabendo que, não havendo uma compensação energética equilibrada, o aparelho psíquico pode estar passível a vários tipos de distúrbios

(FREUD, 1927-1931).

De acordo com Freud (1930/1996): “Somos feitos de modo a só podermos derivar prazer intenso de um contraste, e muito pouco de um determinado estado de coisas. Assim nossas possibilidades de felicidade sempre são restringidas por nossa própria constituição” (FREUD, 1930/1996, p. 95). Na qualidade de sujeitos faltantes em busca de satisfações.

Freud no texto (1927-1931), destaca que não mais é obscuro o significado da evolução da civilização. E que ela representa a luta entre Eros e Thanatos, entre os instintos de vida e de destruição, tal como ela se elabora na espécie humana. Descrito como a luta da espécie humana pela vida, o que se visa é a busca pela felicidade.

Mesmo que à custos altos. O autor ainda diz, “Uma satisfação irrestrita de todas as necessidades apresenta-se-nos como o método mais tentador de conduzir nossas vidas; isso, porém, significa colocar o gozo antes da cautela, acarretando logo o seu próprio castigo” (FREUD, 1930/1996, p. 96).

Um outro ponto bastante relevante, é a potência do superego sobre o ego, na qual dita regras e pune, trazidas para o sujeito o “sentimento de culpa” que é bem característico nas estruturas neuróticas, na qual Freud designa como sendo o medo da perda de amor, uma ansiedade ‘social’, que não necessariamente está ligada a fazer algo “mau”, mas até mesmo a intenção de fazê-la, pois para o superego nada pode ser escondido, nem mesmo os pensamentos (FREUD, 1927-1931).

Para o homem evoluir e encontrar o caminho da felicidade, sempre existirá algo ao qual o sujeito se deparará como sendo desprazeroso, e pelo contexto da não satisfação plena, que o homem busca saídas, para não se haver com as faltas, com o desprazer, em busca sempre de uma satisfação total inalcançável, na procura no outro o que nele não se faz presente. Lipovetsky (2004) denomina de hipermodernidade o momento atual, caracterizado pelo retorno à modernidade e pela exacerbação de suas características essenciais: o individualismo, o consumismo, a escalada técnico-científica, todas elevadas a potência *hiper*.

Em *Recordar, Repetir e Elaborar*, Freud (1914), fala que o paciente ao invés de recordar o que esqueceu e foi reprimido, ele expressa os fatos por meio da atuação (*acting-out*), desse modo o mundo virtual e das redes sociais, enquanto ambiente de livre atuação, evidencia a repetição como mecanismo de atuação.

Em Freud (1920), diz que, “[...] existe realmente na mente uma compulsão à repetição que sobrepuja o princípio de prazer” (FREUD, 1920, p.14). Na vida do sujeito contemporâneo, estão presentes pequenos ou grandes fatores que não estarão em perfeita sincronia com a vida ‘idealizada’ do mesmo, seja da ordem do inimaginável, algo estará

bloqueando a satisfação plena, e assim o jogo de atuações se apresentam nas redes sociais.

Diz Roza (1988), “É pelas máscaras que a repetição se constitui, isto é, como disfarce. As máscaras, porém, não encobrem senão outras máscaras, o que faz com que não haja um primeiro termo da repetição, mas que a própria máscara seja o sujeito da repetição” (ROZA, 1988, p.44). Segundo o autor, a repetição é constituinte do sexual, ou seja, é da ordem das pulsões de morte, embora sabendo que, o prazer é um princípio que ordena a vida psíquica, na qual o sujeito está em busca e que tenta vislumbrar em processos que tem seus representantes pulsionais implicados, como a auto exposição nas redes sociais. Embora toda máscara tem um buraco por onde a verdade sempre escapa, sendo no real que se mostra (ROZA, 1988).

Todavia, segundo Birman (1997), “[...] a inserção do sujeito na cultura é permeada pelo conflito e pela impossibilidade do sujeito em solucioná-lo de forma absoluta” (BIRMAN, 1997 p. 9). Assim como as pulsões sempre visam a satisfação.

O sistema de compensação no aparelho psíquico proposto por Freud (1920), no sentido de prazer/desprazer, resistência e repetição, e a projeção como mecanismo de defesa, são oriundos do mundo interno e evidenciados como pertencentes da realidade externa.

Na segunda tópica, Freud fala sobre o aparelho psíquico do ponto de vista econômico, não mais dinâmico ou topográfico, regido por pulsão de vida e pulsão de morte, da compulsão à repetição, movida pela ordem pulsional, e antagônica ao princípio de prazer. Evidenciando desse modo, a vertente da vida psíquica e da repetição de uma experiência prazerosa, ele ainda diz que, “A tendência dominante da vida mental e, talvez, da vida nervosa em geral, é o esforço para reduzir, para manter constante ou para remover a tensão interna devida aos estímulos do ‘princípio do Nirvana’”. Na qual a satisfação não sendo plena, sempre permanece um resto que vai sempre querer alcançar mais satisfação, a esse resto que evidencia-se a repetição compulsiva estampado nas redes sociais (FREUD, 1920/1996, p. 36).

Desse modo, Freud, falando sobre o conceito de pulsão, “Um instinto – uma pulsão - é um impulso, inerente à vida orgânica, a restaurar um estado anterior de coisas, impulso que a entidade viva foi obrigada a abandonar sob a pressão de forças perturbadoras externas” (FREUD, 1920/1996, p. 24). Forças essas que tendem a expressar inércia inerente à vida orgânica, isso se evidencia mais ainda quando falamos do Real, que Lacan em seus ensinamentos traz a segunda clínica - do Real, e o investimento que cada vez está direcionado para o novo, o inesperado e inevitável.

Como coloca Forbes (2013), que esse Real não é alcançado por meio da representação, na qual o Real não é o mundo, e suas influências recaem sobre o homem de forma peculiar, a

qual cada um ressignifica de maneira singular. Todavia, por mais que haja avanços significativos das ciências, das tecnologias, o sujeito vai ainda se deparar com esse Real amedrontador, estando a cargo do sujeito ter que responsabilizar-se frente a esse acaso, reinventando respostas para lidar de modo singular e contínuo, até o estranho amedrontador vir a se reformar numa ação criativa. Restando ao sujeito a responsabilidade, Lacan em seu axioma, diz: “Por nossa condição de sujeitos somos sempre responsáveis” (LACAN, 1955-56, p. 873).

Remetendo assim, a lógica da vida, em que por algumas ou muitas vezes deixa-se de lado a responsabilidade pela ação ou consequência dos eventos, transferindo esse processo para a “culpa” direcionada ao outro. Na maior parte é uma lógica desprazerosa para o sujeito, que causam mudanças profundas na estrutura psicológica dos mesmos, e que operam como alvo principal o sujeito e suas atuações (FORBES, 2013).

Portanto, há degraus para uma nova oportunidade de crescimento e sabedoria para o bem viver, na sociedade da totalidade, da homogeneidade compulsória e do espelho coletivo. Há a necessidade pungente de se guiar por padrões uniformizantes estabelecidos, em detrimento da liberdade de escolhas, da autonomia de ser ‘você mesmo’, na qual é importante distinguir o que é da ordem do intrapessoal e interpessoal no plano das redes sociais (BAUMAN, 2001).

### **3 SUJEITO DAS REDES SOCIAIS**

O sujeito contemporâneo está integrado numa sociedade cheia de inovações e com itinerários diversificados, que submetem o mesmo a dá direcionamentos a sua vida, tal como remonta o sentir pertencente a um grupo – às redes sociais. Em um vídeo disponível na plataforma *YouTube*<sup>1</sup> – intitulado: Zigmunt Baumam - Sobre os laços humanos, redes sociais, liberdade e segurança. No referido vídeo, o autor nomeia os jovens que se conectam as redes sociais como sendo uma: “multidão de solitários”.

Nesse vídeo, Bauman fala sobre os laços humanos e as redes sociais, na qual ele comenta sobre um jovem que veio até ele e disse que em apenas um dia conseguiu 500 amigos. O autor comenta o quanto essa fala é incongruente da realidade sem ser a virtual. O autor ainda traz a diferença entre comunidade e rede, a primeira precede de você, na qual a

---

<sup>1</sup> *YouTube* é um site que permite que os seus usuários carreguem e compartilhem vídeos em formato digital. Foi fundado em fevereiro de 2005.

pessoa nasce já numa comunidade estabelecida anteriormente.

Já a rede é caracterizada por duas atividades diferentes entre si: conectar e desconectar, sendo a atratividade desse tipo de amizade estabelecida nas redes sociais é a facilidade de se desvincular de qualquer vínculo estabelecido. Ele enfatiza a facilidade no conectar (fazer amigos) e desconectar (desfazer amigos), pois romper relações que são feitas face a face, corpo a corpo e olho a olho, são muito mais traumáticas do que pela internet, pressionando em deletar o relacionamento online.

A ambivalência da vida também é trazida em uma mistura de prazer e desprazer por Bauman, na medida que para ele, no sentido de conseguir uma vida satisfatoriamente feliz é necessário ter segurança e liberdade, mas ambas não possuem uma fórmula exata e nem todas as pessoas conseguem alcançá-las de modo coeso. O equilíbrio entre ambas é quase impossível na medida que quando se consegue um pouco a mais de uma está em detrimento da diminuição da outra e vice-versa, “você ganha algo, você perde algo”.

Freud (1920/1996), nos remete vislumbrar o quanto a sociedade avança no que tange aos aspectos sociais e solidifica em outras questões. Freud em seu texto intitulado *Além do princípio do Prazer*, aborda justamente o quanto é penoso para sujeito se desfazer de algo em favor de outro. O que é concebível com a exposição nas redes sociais (publicações pessoais, fotos, *selfies*, etc.). Sendo esse um processo que traz um retorno prazeroso para o sujeito ou proporciona necessidade instintiva/pulsional de uma falta anterior, na qual o sujeito tenta dar conta no virtual, de modo precário, pois mesmo assim, recebe um retorno prazeroso (elogios, curtidas, etc.), embora isso seja remoto e passageiro.

As formas de relações na atualidade não estão pautadas pura e simplesmente no contato presencial, mas nas trocas virtuais e com barreiras cada vez mais frouxas, pois o ambiente virtual das redes sociais, é um espaço onde ‘quase tudo’ se pode expressar, ser e mostrar. Principalmente aspectos que estejam notoriamente relacionados com a mídia e as atualidades globais, fazer registros da vida privada. Com a massificação do uso das redes sociais, a vida privada, não mas se denota como em gerações anteriores. Diante dessa situação, Otero (2012), fala que:

O sujeito contemporâneo conta com recursos tecnológicos para lhe auxiliar nessa busca através de interações com a máquina, uma entidade que passou a constituir uma nova via na reinvenção de aspectos de si, na constituição de uma vida que pode ser construída em parte e ao mesmo tempo filtrada pelas telas de um computador (OTERO, 2012, p.7).

Questiona-se então que modo de vida está sendo buscada? No investimento que está sendo feito diante do que se almeja viver, em uma vida representada em comparação ao outro, numa dinâmica social da cópia, do modismo, da estética e dos padrões sociais estabelecidos culturalmente, da repetição e identificação do que o outro é e faz. Seligman (2014) apud Peixoto (2003), diz que, “[...] as representações que construímos acerca de nós próprios permitem interpretar e dar significado às experiências cotidianas, possibilitando a manutenção de uma imagem coerente de nós próprios” (SELIGMAN, 2014, p. 6). A versatilidade da era digital está incluído o processo de exibição/atração visual, modo na qual a vida é representada e idealizada, no jogo da compulsão irrefreada e incompleta, em olhar e se mostrar, na crença de ser reconhecido e aceito, que é estampada nas publicações nas redes sociais.

Já para Sodré (1996), “representa fenômenos em que o sujeito delega a um outro (o representante, o signo), o poder de interpretá-lo em sua ausência” (SODRÉ, 1996, p.23). Na implicação de sujeitos voltados para a sociedade do espetáculo e da exibição, em um ambiente virtual que permite ao sujeito possibilidades de ver e ser visto, de representar e de se reinventar individualmente, mas no ambiente coletivo das redes sociais.

Como descreve Otero (2013), “estariamos diante de uma queda do mito do Édipo e do pai da horda que fundamenta a civilização, descrito por Freud em *Totem e Tabu* (1913), na qual esses dois mitos são responsáveis pela implantação de normas, da relação com a lei e do respeito à autoridade” (OTERO, 2013, p.17). A contemporaneidade possibilitou uma repaginada no modo como se encara antigos estigmas, alterando o predomínio do registro do real sobre o simbólico, e o imaginário dos sujeitos, em uma sociedade para além do Nome-do-Pai, onde as regras e limites regidos socialmente se tornam cada vez mais transmutáveis.

Já para Baudrillard (1995), “A climatização geral da vida, dos bens, dos objetos, dos serviços, das condutas e das relações sociais representa o estádio completo e consumado na evolução que vai da abundância pura e simples, através dos feixes articulados dos objetos, até o ar condicionado total dos atos e do tempo” (BAUDRILLARD, 1995, p. 18-19). A transformação das relações e do atual *status* ‘viver conectado’, que é representado nas redes sociais, denota um novo olhar para os efeitos gerados na vida dos sujeitos, que aponta para um processo repetitivo de tentativa de ser reconhecido e aceito, na medida que as pessoas se prendem cada vez mais na lógica do olhar e ser olhado, mesmo que de modo superficial.

A autora Barbosa (2013), diz que as “Realidades concretas e virtuais se sobrepõem e se confundem na percepção do sujeito, que pode sentir aquela virtual como contendo características importantes de “realidade”, em medida da percepção de companhia, de afeto, de compartilhamento de ideias” (BARBOSA, 2013, p.97 ). Na medida que o ambiente das

redes sociais veio agregar lugar de trocas de informações, conteúdos, mas também de compartilhamento de sentimentos e emoções, no processo sistemático e catártico de elaborar questões como as angústias, anseios e desprazeres expressados nas redes.

#### 4 O OLHAR E O SER VISTO

Desde época de Freud já era por ele vivenciado na clínica situações relacionadas ao ver/ser visto, que desse modo traziam para o sujeito um enlace com suas afecções, como é o caso das histéricas, que através da hipnose, sugestão e autossugestão, trouxeram aparato motriz para os casos tratados por Freud. Ele teorizou também sobre a importância que a função do olhar tem em algumas sintomatologias como é o caso da neurose.

Quinet (2004), fala sobre os três registros postulados por Lacan – real, simbólico e imaginário, referenda que o registro simbólico age como barreira entre o imaginário e o real, ao mesmo tempo que os articula, sendo o imaginário como o campo do visível, onde se encontram os objetos perceptíveis e as imagens. Seguindo a tópica especular, que o “eu” reina, do simbólico como lógica significante, e o real enquanto registro pulsional, em um espaço de causalidade, em que o olhar faz de todos (os que veem e os que não veem), serem vistos, mergulhados na visão (QUINET, 2004, p.41 e 42). Partindo do pressuposto que o olhar e ser olhado nas redes sociais configura um espaço em que o sujeito foi por ele tomado e guiado, no direcionamento do mesmo ao “fardo” de ter que olhar e ser visto.

Quinet (2004), lança a contra argumentação no que concerne a lógica do olhar em Freud (o olhar vem do supereu) e Lacan (o olhar vem do Outro), caracterizando assim uma análise não voltada para o eu, mas para o supereu, com implicação ao olhar que vem do outro. Ainda em Freud, traz que a instância mortífera do supereu se manifesta na vigilância do olhar pela via da pulsão de morte (FIGUEIREDO, 2002, p. 158 e 159). Considerando a realidade projetada e o olhar compreendido como objeto da pulsão (QUINET, 2004, p. 42). Na lógica do olhar enquanto objeto coletivo e de gozo.

Hassan (2013) conceitua que o olho que vê também tem prazer de ver: o *Schaulust* (olhar), que vai interferir, vai “perturbar” a função biológica. Ela ainda aponta que Freud põe a pulsão escópica em relação com a pulsão oral quando diz que os olhos têm a mesma função que a boca no sentido que ambos precisam obedecer a dois senhores diferentes: a alimentação e o beijo, e a visão e o olhar.

Haja visto que há uma diferença plausível em ser representada, no que concerne ao ver

e ao olhar, possuindo posições e destaques diferenciados. Em *Três ensaios sobre a sexualidade* (1905), Freud vai explorar as funções do olho em dois sentidos distintos entre si, o *sehen*, como advindo do verbo “ver” e *schau* (olhar) na *Schaulust*, ou prazer de olhar (HASSAN, 2013). Na qual a pulsão escópica – ver – caracteriza o domínio do real para o imaginário sob o simbólico, sendo a imagem que prevalece nas redes sociais, na relação dual-imaginária sintomática do ver e ser visto.

Desse modo, pressupõe-se as redes sociais na figura de agente propiciador de mal estar no sujeito da contemporaneidade que utiliza dos artifícios tecnológicos para se fazer percebido ao outro, seja no plano virtual das redes sociais ou no plano da realidade concreta, haja visto a interligação simbiótica que se pode considerar entre o que concerne o ambiente virtual e da realidade, não existindo barreiras limítrofes visíveis de onde uma começa ou termina.

Um outro parâmetro trazido é a do “Sou visto, logo existo” (QUINET, 2004, p.284), falando sobre a sociedade escópica vigente, ordenada através do capitalismo e pela ordem do consumo, da estética, do espetáculo e controle. Onde a visibilidade é a chave mestra, visto que “o conceito de pulsão escópica permitiu a psicanálise restabelecer uma função de atividade para o olho, não mais como fonte de visão, mas como fonte de libido” (QUINET, 2004, p.10). Demarcando a fragilidade do eu em ser reconhecido pelo outro, proporcionando o gozo pelo olhar e pelo ser visto.

Em *Pulsões e seus Destinos* (1915), Freud define a reversibilidade na pulsão de ver, isto é, o que vai configurar o circuito pulsional do olhar-se, olhar o outro, e se fazer visualizável ao outro. Observa-se que, o estatuto da individualidade está para o conceito de narcisismo contemporâneo, no que tange as investidas de mostrar-se ao outro, embora se corrobora no senso coletivo da repetição gozosa e do modelo de visibilidade social, a se guiar através do outro nas redes sociais.

Já segundo Lévy (1998), “A virtualização atinge mesmo as modalidades do estar junto, a constituição do ‘nós’: comunidades virtuais, empresas virtuais, democracia virtual...” (LÉVY, 1998, p.2). Com a atualização da dimensão escópica voltada ao centrar-se ao narcisismo ou no próprio pensamento, ele ainda diz que, “[...] a virtualização fluidifica as distinções instituídas, aumenta os graus de liberdade, cria um vazio motor. Se a virtualização fosse apenas a passagem de uma realidade a um conjunto de possíveis, seria desrealizante” (LÉVY, 1998, p.7). Preso e alienado às redes sociais, como diz Caetano (2011):

Surge, portanto, como desafio ao estudioso das dinâmicas interacionais da sociedade contemporânea, mediadas pelos meios de comunicação ou pautadas pela co-presença, investigar, sem apelo a polarizações tradicionais, em que medida os acionamentos das sensações, dos afetos, das paixões e emoções constroem um encontro “comunicacional”, ou confinam seus usos aos fins da cultura de consumo, encerrando o sujeito na reificação, não só cognitiva, mas sensorial com os objetos (CAETANO, 2011, p.22).

A invenção e reinvenções construídas pelo sujeito e o advento das redes sociais fundiram a perspectiva de vida aliada com a tecnologia, voltada cada vez para a tentativa de dar conta no virtual, problemáticas e experiências da realidade material e objetiva do sujeito.

## **5 AS REDES SOCIAIS**

Com o surgimento de novas formas de tecnologias, a internet, trouxe impactos para variados níveis, sejam culturais, sociais, econômicos, pessoais, psíquicos, além de ser um majoritário meio de comunicação entre as pessoas, permitindo que barreiras como a distância e o tempo sejam mobilizadas com um clique. Com a instantaneidade de estabelecer comunicação, muitas vezes sem um propósito definido ou sem mesmo uma necessidade pungente, o sujeito deposita a necessidade de se expor virtualmente, de visualizar e se fazer visível para o outro.

De tal modo, “o homem desbussolado continuará sem rumo se não lhe oferecermos a responsabilidade frente ao acaso, à surpresa, enfim, frente ao seu inconsciente”(FORBES, 2010, p.114). O sujeito das redes sociais se dispõe ao lugar de especularização dos momentos do seu cotidiano, que compartilha nas redes sociais. O advento tecnológico e o acesso ao mundo virtual e das redes sociais, propiciou o avanço no uso de novos mecanismos para apropriação do estatuto da “liberdade”, que se fixa no plano virtual.

A liberdade nos laços sociais, da comunicação e interação que se desenvolvem sem freios, livre de barreiras físicas, impulsionada pelo desejo da “liberdade subjetiva”, finca-se no desejo de felicidade, distinto do princípio de realidade, proposto por Freud (1920), sobre a busca dos sujeitos por prazer e felicidade. Mecanismo pelo qual o sujeito da era digital tomou posse, ou foi por esse dominado, atingido pelo intenso compêndio de informações que

circulam nas redes sociais, sendo essas encaradas como um plano de fundo da realidade objetiva (BAUMAN, 2001).

Em um espetáculo de cores e faces em que se mostrar a quem quiser ver, diz Debord (2003) falando sobre a sociedade do espetáculo: “O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens” (DEBORD, 2003, p. 14). A exposição exacerbada nas redes sociais, mostra-se representada pelo grande investimento no culto à autoimagem, assim como da perfeição, principalmente no mostrar e ver o belo, o atrativo, aquilo que venha a despertar e ser causa de desejo do outro.

No contexto virtual das redes sociais outro ponto a ser discutido é a rapidez e quantidade de informações e conteúdos que são compartilhados e expostos nas mesmas, na qual se torna ainda mais notória a plasticidade das relações, com os objetos e sua interação com a vida não virtual. Kowacs (2014), falando sobre estabelecimento da comunicação através das redes sociais, diz que a instantaneidade da comunicação:

[...] favorece o entrecruzamento de respostas imediatas, sem reflexão, e estimula uma forma de relação objetual, na qual o indivíduo espera do outro a satisfação imediata de suas necessidades narcisistas. Na rede, praticamente não existe um período de latência entre o desejo e a realização deste. Comparativamente, a vida real pode parecer difícil, tediosa ou frustrante (KOWACS, 2014, p.632).

A compulsão à necessidade de se colocar diante do olhar do outro (virtualmente), pertencer a esfera virtual da submissão à cultura de massa – Redes Sociais - enquanto condição primordial para a visibilidade social. Seguindo Freud (1914) “ O que elimina uma necessidade é a ‘satisfação’”, ou seja, é a necessidade expressada e satisfeita no ser visto e “curtido” pelo o outro. Desse modo esse ciclo se repete e se repete, pois, “se eu me mostro é porque tem quem veja”, nesse parâmetro se guia as redes sociais e seu público alvo, que a utilizam com veemência.

Na medida que o sujeito vinculado ao olhar das redes sociais se coloca na posição de submetido à razão social vigente, em estar conectado às redes, faz uso da internet e das redes sociais como mecanismos de extensão de suas vidas, vale salientar até que ponto esse processo se torna plausível ou exaustivo, haja visto que a modernidade repercute transformações na vida dos sujeitos, na qual o sentido e a dialética que é desenvolvida a partir disso é relativo em cada pessoa e suas consequências também.

As implicações do olhar e ser visto nas redes sociais repercutem não somente na vida social do sujeito, mas no cerne relacional da sociedade enquanto tal, como traz Kowacs (2014), acerca das novas formas de interação estabelecida entre paciente e terapeuta:

Os pacientes de Freud escreviam-lhe cartas; os de hoje usam SMS e WhatsApp para comunicar faltas, atrasos e pedir mudanças de horário; a secretária eletrônica, cujo uso foi polêmico na época de sua introdução, está em acelerado processo de obsolescência. Relatos de sonhos chegam ao terapeuta por e-mail e solicitações de amizade via Facebook. Os celulares dos pacientes tocam em plena sessão; fotos e mensagens são mostradas nos tablets e telefones (KOWACS, 2014, p.635).

A efetivação da cultura das redes sociais implica na mudança do olhar e se ver diante da sociedade, categorizada na construção de vínculos fragilizados, mas em relações intermediadas pela coerção social, voltada para a substituição de "ser" por "ter", da abdicação da vida privada pelo enaltecimento do narcisismo contemporâneo.

Seligman (2014), diz que os [...] compartilhamentos (de mídias: fotos, depoimentos, comentários e etc.) funcionariam como representações de si – uma imagem virtualizada (construída ou reconstruída) que é aparente às suas redes sociais. A autora ainda, fala sobre as possibilidades que o universo virtual traz para a representação de eu ou ideal de eu, diz “representar personagens ou mesmo criar papéis próximos ou muito distantes do que somos ou podemos ser, tudo conforme o que desejamos” (SELIGMAN, 2014, p.6).

Através da constituição enquanto ser de falta, incompleto e imperfeito, o sujeito contemporâneo atravessa esse impasse pelo acesso à convenção sociocultural de “estar conectado”. Como artifício compensatório da falta constituinte do sujeito, faz uso da imitação e recriação, constroem imagens de si e personagens, criam máscaras dentro do universo virtualizável.

É significativo observar no comportamento do público que utiliza das fontes virtualizadas nas redes sociais, como o *Facebook*, *Whastapp*, *Instagram*, *Twitter* dentre outras, que as condições pelas quais se busca tamponar a falta constituinte do sujeito contemporâneo, cultiva uma cultura arraigada nas relações superficiais e fluídicas. Na necessidade de se exibir excessivamente, e que nem sempre é viável, pois por mais que a exposição traga ao sujeito uma satisfação substitutiva/parcial, e que faça um semblante

prazeroso, o sentimento de incompletude e imperfeição tendem a permanecer na vida dos sujeitos.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As mudanças que ocorreram e ainda permanecem acontecendo no mundo civilizado e hipermoderno repercutem na maneira do homem ser e se colocar diante da sociedade. Seguem em ritmo acelerado de respostas e se mostram cada vez mais presentes no cotidiano das pessoas, influenciando na vida psíquica, nas relações interpessoais, no modo como agem e pensam, permitindo recriações no plano das redes sociais. Torna-se visível e midiática novos modos de subjetivação do sujeito em virtude dessas tecnologias.

O conceito de identidade está baseado no contexto múltiplo e coletivo, a partir do parâmetro dos compartilhamentos e interações intermediadas pelas redes sociais. Tais reconfigurações sociais trazem modificações culturais, estéticas, sociais e psíquicas para o sujeito. Portanto, em uma visão geral das redes sociais -“onde tudo pode”, expandem o plano de convivência e interação social, “eu compartilho, logo existo”, assim como o “curtir”, “postar”, sejam fotos, vídeos, comentários e/ou declarações, a cada fração do dia, que vão sendo mitigados ao olhar do outro.

Na ostentação do “ser visto” a qualquer custo, na dinâmica das redes sociais, evidencia-se a perspectiva da visibilidade social e, na aceitação de si pelo olhar do outro. Significados estão sendo operados no fato que as pessoas passam considerável tempo do dia conectados as redes sociais, lapidando relações, construindo máscaras, demarcando sintomas, estabelecendo fronteiras entre a presença física e escancarando os limites da vida privada.

As relações estão sendo fortificadas na alienação do plano virtual significativa para o outro, e fragilizada na realidade. Haja visto o que se mostra presente nas redes sociais, nem sempre remete a uma presença de fato no plano da realidade psíquica.

Na base de toda virtualidade compartilhada, está o cerne da tentativa de fixar qualquer tipo de laço, seja em fotos, opiniões, curtidas, numa espécie de fuga da solidão. Considerando que a cada função executada nas redes sociais, estejam ligadas a um retorno subjetivo, posto na construção de um lugar onde sejamos sempre aceitos, e aclamados pela plateia que assiste, adequando-os aos próprios desejos.

As redes sociais também são ótimas ferramentas de comunicação, propiciam auxílio na ligação de relacionamentos à distância, na oportunidade de mostrar talentos, em ser um

ambiente para expressar sentimentos e pensamentos. Assim como, a característica de entretenimento, em visualizar as publicações de variados conteúdos que são publicados. O modo como os sujeitos as utilizam é que denotam efeitos positivos e/ou negativos.

Na era das redes sociais, registrar tudo é pouco, está baseada no processo compulsório e de repetição, para se fazer pertencente à algo ou alguém, dentro de uma sociedade de valores horizontais e permissivos. Fica cada vez mais problemático manter um único pensamento acerca das implicações subjetivas no plano virtual, e da realidade, no contexto em que se transmuta a todo instante.

A sociedade que, antes era prioritariamente de produção e subsistência, foca-se hoje mais para o consumo, baseada no *ter*, para suprir os desejos do olhar egóico e do outro, voltada para o narcisismo contemporâneo, trazendo desse modo a individualização na sociedade. Na qual, o conceito de identidade se tornou mais nítido e fluídico, no entrelaçamento pautado no estilo de vida coletivo e instantâneo das redes sociais. Evidencia-se nas redes sociais, na velocidade das trocas de informações e do “poder da liberdade da fluidez”, daquilo que desliza e passa com facilidade, e que é possível diante da perspectiva de busca por aceitação.

A dedicação em olhar e mostrar-se, o desinvestimento do estatuto de “ser” para o “ter”, a busca pela perfeição, estão como mecanismos de tamponar uma falta, é nesse parâmetro que se insere as redes sociais, em poder elaborar e ter o reconhecimento do outro, no gozo através do olhar e ser olhado, evidenciando a fragilidade do eu em se haver com seu mal-estar subjetivo e dos laços sociais. Se colocando assim, numa posição de idealização e fantasia do “parecer ser” nas redes sociais, construindo para isso várias máscaras. Conclui-se, que é possível utilizar as redes sociais usufruindo com responsabilidade, satisfazendo-se com cautela, mas, responsável do lugar de sujeito da falta e da imperfeição.

*Adoramos a perfeição porque não a podemos ter!  
Repugná-la-íamos se a tivéssemos. O perfeito é o  
desumano, porque o humano é imperfeito*

(Fernando Pessoa)

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Marielle Kellermann. **Viver conectado, subjetividade no mundo Contemporâneo**. São Paulo: IDE, 35(55): 89-101, jan. 2013.
- BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1995.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BIRMAN, Joel. (1946). **Estilo e modernidade em psicanálise**. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- BIRMAN, Joel. **Laços e desenlaces na contemporaneidade**. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, 40(72): 47-62, jun. 2007.
- BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade: A psicanálise e as novas formas de subjetivação**. 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- CAETANO, Kati. **Presenças do sensível nos processos interacionais**. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 22, p. 12-24, dez. 2011.
- DEBORD, Guy (1931-1994). **A Sociedade do Espetáculo**. Coletivo Periferia: São Paulo, 2003. Versão eletrônica produzida pelo Coletivo Periferia. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/socespetaculo.pdf>> Acesso em 18 de julho de 2016.
- FERNANDES, Elisângela Barboza. **Narcisismo**. Universidade Federal de São Carlos. 2002.
- FIGUEIREDO, Ana Cristina. **Da psicanálise à psiquiatria: a propósito de um método**. *Revista latino americana de psicopatologia fundamental*, ano v, n. 4, dez/2002.
- FORBES, Jorge. **Os psicanalistas dos tempos desbussolados**. 2013. Disponível em: <<http://www.jorgeforbes.com.br/br/artigos/os-psicanalistas-dos-tempos-desbussolados.html>> Acesso em 04 de julho de 2016.
- FORBES, Jorge de Figueiredo. **Inconsciente e Responsabilidade**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.
- FREUD, Sigmund. (1980). **Recordar, repetir e elaborar** (Novas recomendações sobre a técnica da Psicanálise II). In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 12, pp. 191-203). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914).
- FREUD, Sigmund. (1914-1916) "**A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos**", em *Obras Psicológicas Completas: edição Standard brasileira*, Vol. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. (1920b) **Além do Princípio de Prazer**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. (1927b) **O Futuro de uma Ilusão**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. (1930 [1929]) **O Mal-estar na Civilização**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HASSAN, Sara E.. **Pintores e poetas no roteiro da pulsão escópica: anotações preliminares**, 2013. Disponível em:

<<https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwiJ4dn41pvQAhWDGpAKHWmCCbsQFggdMAA&url=http%3A%2F%2Fwww.revistas.usp.br%2Fcaligrama%2Farticle%2Fdownload%2F68014%2F70584&usq=AFQjCNF3jEa13SyiGjk55FwajKKnPh1ooQ&sig2=TOx7PGx-Yr4NTHkxHc7Uhw>> Acesso em 16 de junho de 2016.

KOWACS, Clarice. **Prática psicanalítica, tecnologia e hipermodernidade**. Porto Alegre: Revista de Psicanálise da SPPA, v. 21, n. 3, p. 629-643, dezembro 2014.

LACAN, J. (1955-56) A ciência e a verdade. In Lacan, J. (1998) **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 869-892.

LACAN, J. O Seminário, Livro 6. **O desejo e sua interpretação** [1958-1959]. Porto Alegre: Associação Psicanalítica de Porto Alegre, 2002.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual**. São Paulo: Editora 34, 1998.

LIPOVETSKY, G. & Charles, S. (2004). **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla.

OTERO, Christiane. **Psicanálise e comunicação - a internet e a reinvenção de si**. 2012. Disponível em <<http://www.psicanalise.ufc.br/hot-site/pdf/Mesas/10.pdf>> Acesso em 13 de outubro de 2016.

OTERO, Christiane. **Os Laços sociais na era virtual: um novo discurso?** Dissertação (Mestrado) – Universidade Veiga de Almeida, Mestrado Profissional em Psicanálise, Saúde e Sociedade. Rio de Janeiro, 2013.

QUINET, Antônio. **Um olhar a mais: ver e ser visto na psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

ROZA, Luiz A. Garcia. **Acaso e repetição em psicanálise.: uma introdução à teoria das pulsões**. 1936. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988.

SELIGMAN, Laura. **O QUE ME REPRESENTA – a constituição do sujeito cultural como experiência estética em Sites de Redes Sociais**. Alcar Sul, 2014.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1996.

**Zygmunt Bauman - Sobre os laços humanos, redes sociais, liberdade e segurança.** Canal: Abra sua mente. Local: YOUTUBE, 2012. 6:19 minutos. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LcHTeDNIarU>> Acesso em: 27 de julho de 2016.